

SRA. LUIZA MESQUITA: Bom dia a todas e todos que nos assistem. Hoje nós iniciamos o terceiro e último eixo de debates do Seminário Internacional de Governança da Internet. Abordando um tema que se faz tão atual quanto importante sobre o funcionamento, o poder e a influência das plataformas que atuam na Web.

Essa iniciativa foi proposta pela EGI, a Escola de Governança da Internet. Busca pensar de uma forma mais profunda como podemos enfrentar esses desafios e como a governança da Internet também pode contribuir nesse sentido. Para esse debate nós recebemos aqui a Renata Ávila e o Wolfgang Kleinwächter.

Renata e Wolfgang, agradecemos muito por terem aceitado o nosso convite e eu transmito aqui as saudações especiais do Prof. Hartmut Glaser, secretário-executivo do CGI. br.

A Renata é advogada internacional de direitos humanos e escritora, atualmente é *fellow* no programa Human-Centered Artificial Intelligence, do Centro de Estudos Race & Tech da Universidade de Stanford. Com mais de 15 anos de experiência atuando em questões de ponta relacionadas à tecnologia e sociedade, ela foi cofundadora da A+, Alliance for Inclusive Algorithms. Especialista em direitos digitais, seu foco de estudos é em política de dados, transparência e suas implicações no comércio, na democracia e na sociedade, alertando para um fenômeno que descreve como colonialismo digital.

Ela é membro do conselho consultivo da Creative Commons, Open Future, and Cities for Digital Rights. E também atua como curadora global da Think Tank Digital Future Society. Ela é cofundadora e membro do conselho da Progressive International, entre outras funções.

O Wolfgang é professor emérito de política e regulamentação da Internet na universidade de Aarhus. Ocupou o cargo de diretoria na ICANN de 2013 a 2015 e foi embaixador especial da iniciativa NETmundial, em 2014 e 2016. Ele também esteve envolvido desde o início na preparação da cúpula mundial da Sociedade da Informação das Nações Unidas. E é presidente da Summer School on Internet Governance.

E, por fim, também gostaríamos de agradecer muito ao Vagner Diniz, que aceitou moderar este debate. O Vagner é gerente do Centro de Estudos sobre Tecnologias Web, o Ceweb, no NIC.br. Ele trabalhou em governos e organizações não governamentais em diferentes oportunidades. Principalmente na identificação de boas práticas de uso da tecnologia e da prestação de serviços. Vagner, muito obrigada por aceitar o nosso convite. A gente deseja uma ótima discussão.

SR. VAGNER DINIZ: Bom dia a todos. Bom dia a todas. Eu que fico muito satisfeito de poder participar com vocês, de ser convidado

para essa mesa. E estar presente com duas pessoas tão qualificadas como a Renata e o Wolfgang, para mim, é uma honra imensa. Agradeço muito o convite. Parabens ao NIC, parabens ao CGI por organizar esses seminários que são muito ricos nas suas temáticas. E cada vez mais atual, não é? Acho que o momento que nós vivemos, né, é um momento tão particular da humanidade e que revela a importância da tecnologia na conexão das pessoas. E na importância da tecnologia também para tornar o mundo mais humano, não é?

Muitas vezes isso parece contraditório, mas, no fundo, nós, dessa comunidade cibernética, dessa comunidade que tem a Internet como ponto de confluência, para nós, a tecnologia tem sido sempre um elemento e uma ferramenta de tornar o mundo cada vez mais humano.

A nossa mesa, né, tem o tema: Futuro do ciberespaço entre a abertura da Web e a plataforma da rede, ou a plataformização da rede. O tema proposto, penso que sugere uma polarização ou pelo menos uma tentativa de encontrar um espaço que fique entre o que seria uma Web aberta, como foi proposto originalmente por Tim Berners-Lee. E a Web murada, falada por ele também. Murada, cercada por uma miríade de plataformas que não se conversam.

Esse debate está colocado no meio de várias outras discussões. Eu penso, discussões essas que estão centradas na governança da Internet como modelo multissetorial que promove a evolução e o uso da Internet com princípios, com normas, com procedimentos e programas compartilhados. Essa é a definição mais clássica de governança da Internet. E esse seminário já promoveu discussões anteriores e, nessas discussões anteriores, né, lembro que no eixo 1 foram levantadas questões relativas à disputa de poder, que é uma questão central na discussão do multissetorialismo e nos espaços de governança. No eixo 2 desse seminário ficou muito evidente que nós temos limites atuais para nós conseguirmos chegar a uma Internet que seja única, segura e resiliente.

E essas questões, a questão de poder e os limites que nós temos, certamente são questões que vão alimentar essa nossa discussão agora no eixo 3. Porque elas não estão restritas à governança da Internet, nem somente restrito à discussão sobre os recursos críticos e a infraestrutura da Internet. Questões de poder e os limites atuais que nós enfrentamos para ter uma Internet aberta e interoperável, essas questões se espalham pela camada da Web e vão para a economia e vão também para a política.

A nossa mesa vai se concentrar na relevância e no protagonismo que as plataformas adquiriram. E como que essas plataformas, hoje, principalmente, né, as plataformas de redes sociais, mas não restritas a elas, como que elas, né, da forma como elas estão estabelecidas e o modelo de negócios que ela propõe, como é que elas refletem essas

disputas de poder. E como que elas, eventualmente, estão mudando a própria Web. E, até certo ponto, estão mudando a sociedade. Porque hoje nós temos uma boa parte da sociedade dependente da Internet, dependente da Web. E vamos ver também se essas plataformas, elas acabam impondo limites ao funcionamento da Web e aos seus processos de governança.

Para ficar mais claro aqui para a nossa audiência, o nosso debate vai ser dividido em quatro blocos. Onde no primeiro bloco nossos convidados vão apresentar umas ideias, suas ideias introdutórias para o assunto que nós estamos propondo. E depois vamos passar por um bloco 2, onde nós vamos explorar com um pouco mais de profundidade a experiência dos nossos expositores, porque eles têm uma vivência muito, muito forte na discussão sobre as questões de poder na Web, sobre a governança, e como que a plataforma, as plataformas podem impactar nessas duas questões.

Passaremos, então, ao bloco 3, que é pensar como é que a gente pode construir o cenário futuro para a Web. Será que nós podemos construir a Web que nós queremos, não é? E, finalmente, nós vamos abrir às perguntas e buscar responder às perguntas que a nossa audiência tem, ok?

Vamos passar, então, para o bloco 1, que é o bloco introdutório. E para esse bloco, eu queria trazer para todos vocês brevíssimas colocações do Tim Berners-Lee, o criador da Web. E aí eu lembro vocês de que quando Tim Berners-Lee, lá no início, quando ele fez um rascunho, um esboço do que seria a Web, esse texto seminal ganhou um comentário do seu chefe dizendo que: Olha, era uma proposta muito vaga, mas não deixava de ser interessante, empolgante, não é? E aquilo que era aparentemente vago acabou se tornando as tecnologias básicas da Web e aí o Tim Berners-Lee criou o que seria o navegador, a base do navegador, que é a linguagem HTML. Depois também criou o protocolo de comunicação, HTTP, e o identificador único da Web que são as URLs, não é? Essas três tecnologias compõem o coração, o centro do que é a Web hoje.

E o interesse global por isso cresceu. E, ao contrário do que poderia se esperar com tamanha invenção e crescente interesse, o inventor da Web, o Tim Berners-Lee poderia ter patenteado a sua criação, ou as suas criações e manter isso sobre os seus cuidados e manter um controle sobre ela. Ao contrário disso, o Tim Berners-Lee apresentou o seu trabalho para o mundo e passou a cuidar da sua evolução de uma maneira colaborativa e aberta, não é?

Essa sua história não é em nada diferente do que foi também a criação da Internet muitos anos atrás. Sempre pessoas com uma cabeça mais aberta, mas... com uma consciência mais libertária, de que os conhecimentos devem ser compartilhados com todos.

Muito bem. Nós estamos em um momento em que a Web está se descaracterizando dos seus princípios originais, segundo tem manifestado o próprio Tim Berners-Lee, já, há quatro anos seguidos, quando ele faz o seu manifesto via Web Foundation. Esses princípios, eles permitiram que as empresas que geraram, que criaram as plataformas chegassem aonde chegaram hoje. Foi exatamente em cima de princípios abertos que essas plataformas cresceram. Exatamente pela Web ser uma plataforma aberta, colaborativa e universal é que temos plataformas com tamanho sucesso hoje. E elas, no entanto, vão no caminho contrário de se fechar.

O Tim Berners-Lee alertou recentemente que a Internet poderia se tornar uma série de jardins murados, cada qual com suas regras, o que poderia prejudicar inclusive a própria democracia. Eu gostaria, então, que os nossos convidados pudessem fazer a sua introdução, pensando exatamente nessa questão mais inicial, não é? Será que da mesma forma que o Tim Berners-Lee pensou e os criadores da Internet pensaram, se a Internet e as suas aplicações básicas deveriam ser consideradas um bem comum, não é? E se os princípios de governança da Internet atuais, eles consideram a Internet como um bem comum, da mesma forma que a água, a moradia e a saúde. Passo a palavra, então, para a Renata e depois para o Wolfgang, por favor.

SRA. RENATA ÁVILA (por intérprete): Muitíssimo obrigada. Eu vou falar em inglês. E eu gostaria de dizer que é um grande prazer estar aqui hoje com todos. Quando eu fui convidada, fiquei muito feliz com o convite. Porque o Brasil realmente é o modelo desse jardim florido. Na verdade, o Brasil foi um dos lugares em que realmente trouxe essa arquitetura digital dentro dessa esfera tecnológica.

Eu entendo que vários dos passos que eu acompanhei durante essa evolução, de tantos brasileiros visionários que acabaram por inspirar vários outros que vieram em seguida. Este foi um momento de muitas promessas. Eu venho da Guatemala, e realmente o Brasil é um local que realmente permitiu acesso a computador, a Internet, e isso acabou transformando a vida de muitos. E isso aconteceu também na Guatemala. E naquele momento eu consegui deixar o país, não apenas fisicamente, mas também mentalmente, porque eu passei a descobrir outras nações, outros locais, coisas que eu não tinha a possibilidade de conhecer, porque eu estava na Guatemala. Então, a década de 90, foi um momento muito inspirador, que foi a criação da Internet, a criação de novas possibilidades, o momento de descobrimentos.

Na verdade, foi realmente esse novo espaço. Nós deixamos de ter tantas fronteiras. E isso aconteceu no final da década de 90, início dos anos 2000, em que realmente o mundo digital nos levou à liberdade, à democracia, à criação da possibilidade de conhecimento, a derrubada de fronteiras. Foi o momento da construção da

infraestrutura pública, as políticas corretas, as políticas voltadas à diplomacia. Todas essas possibilidades digitais nos permitiram traçar um novo mundo. Ali no início do ano 2000, eu falava: Ai, eu gostaria tanto de ter nascido brasileira, porque para mim o Brasil, realmente, era o local mais interessante para estar naquele momento. Os movimentos realmente eram tão atraentes, graças não só à Internet e a todos aqueles princípios, movimentos tão atraentes, realmente, sabe? Todo aquele sonho que saiu da cabeça do Sr. Lee que se tornou realidade. E o Brasil, realmente, era um exemplo de tudo isso.

O sul global fazia com que todos esses sonhos se tornassem realidade. Entretanto, tudo isso não se escalonou e não foi na direção correta àquela que esperávamos que acontecesse. Infelizmente. Então houve aí uma quebra de promessas em que você teria liberdade. E agora nós não temos essa liberdade, temos uma Internet controlada. E não apenas o controle de indivíduos, mas sim o controle do todo, do coletivo.

Nós vemos aí um rastreamento de todos, nós temos aí um rastreamento de todos, de todos os gestos, de adultos, de crianças, tudo é investigado, é penalizado para aumentar a lucratividade de poucos. Então, realmente a promessa da liberdade não foi atendida. A promessa da democracia tampouco. Mais recentemente, as eleições em países latino-americanos. Eleições pouco justas que se tornaram radicalmente algo inviável, que se tornaram possíveis devido à conectividade, devido às redes sociais e devido a toda essa arquitetura que está acima de tudo. Levando a lucratividade, engajamento, ao invés de enfatizar e reforçar os princípios da democracia.

Com isso, nós estamos enfrentando um grande monopólio na história humana. E nós sabemos que o monopolismo é o principal inimigo da criação e da inovação. E com isso, o acesso ao conhecimento, à educação. É triste dizer que ao invés da democratização do conhecimento, nós estamos nos deparando com esse fenômeno da democratização que é a ignorância. A rápida disseminação de conteúdos nocivos, estão formatando o comportamento de pessoas, tanto do Sul (sic) quanto do Sul. E isso está claro com a questão das vacinas. Então, foi realmente armadilha.

E o segundo ponto, nós vamos realmente viver aí sob o poder da coletividade e todas essas possibilidades de criar e compartilhar e ter liberdade e todos esses arquétipos de músicas, de filmes, de livros, de textos, e a Wikipédia. E daí percebemos que nós fomos trapaceados, porque de alguma forma nós não cuidamos, não protegemos a generosidade e a confiança desse sistema seguro e confiável. Nós não construímos uma estrutura para realmente proteger o interesse público. E nós, de uma forma ou de outra, expropriamos isso. E esse

monopolismo acabou fazendo com que o nosso engajamento não tivesse tanta liberdade sem conseguir interromper essa máquina.

Ou seja, nós acreditamos nos conceitos para todos, que podem ser utilizados para todos. Mas nós vemos que não funcionou dessa forma. Vimos uma concentração de poder, influência em poucas jurisdições que determinam as regras para os restos de nós. E isso também não deu certo. Nós não lideramos. Vemos como nós estamos conectados à Internet de uma forma que não funciona. Nós ficamos excluídos do populismo dessa inovação, com poucos centros de poder, muito poluídos que ditam tudo isso.

E aí, então, se nós formos para a próxima fase, a fase da plataforma digital, nós vemos fatores semelhantes ao que nós observamos que ocorre na democracia. A plataformação de tudo, das oportunidades, de criação de inovação que foi também a popularização da precariedade e da austeridade. Se vocês observarem como é que nós temos, por exemplo, algumas normas de trabalho e de acomodação, de tudo, na verdade, na precariedade da vida global. E também a fragilidade dos consumidores em todos os lugares. Porém, eu não quero... na verdade, eu não acho que esse seja o espaço para ficarmos analisando, fazemos(F) uma radiografia do que está acontecendo. Eu só ressaltar alguns pontos positivos e negativos. Acredito que temos aqui a possibilidade de pensar nessa mudança de poder.

Eu acredito em utopia, sem ela não podemos progredir, não podemos ter agendas positivas. Temos que pensar nos princípios em termos de governança, que nós podemos definir aqui. A utopia que eu tenho seria, nesse momento, recriar e, talvez, com algumas inspirações da Iugoslávia. Eu tenho lido bastante sobre esses movimentos e eu acredito que não estamos aqui para discutir. Temos a China, a Europa, um pouquinho. Mas, e aí, e o restante dos países? Ficam totalmente excluídos dessa conversa. São agendas que na verdade não são uma posição.

Eu acredito na unidade. Acredito que é muito possível reconfigurar, e não alinhar esses movimentos, que é isso que meu colega... estamos promovendo. Temos... Como vai funcionar esse [ininteligível] que vai levar uma agenda positiva adiante, atualizando, adaptando tudo isso a nossa realidade, ao nosso potencial e as necessidades? Temos princípios de governança. Não deveria ser uma governança de Internet ditada pelas necessidades e desejos dos atores mais poderosos. Eles têm o poder do dinheiro e da tecnologia concentrados lá e os dados também. Mas nós ainda temos o poder do multilateralismo. Temos algumas instituições e, é claro, nós atualizamos, melhoramos, de acordo com os nossos propósitos. Mas a ideia que eu queria trazer aqui é que nós precisamos criar esse espaço

multilateral para brigar de volta a nível internacional. Precisamos de um novo movimento, com uma agenda diferente para aprender todas as lições que nos foram ensinadas e trazer isso tudo para o dia de hoje, implementando isso de uma forma que vá de baixo para cima e também de cima para baixo, para que possamos ver o futuro. Porque nós não podemos separar o futuro do mundo digital. Nós estamos enfrentando uma das maiores crises. Na verdade, múltiplas crises, clima, democracia, polarização. Precisamos acertar essas coisas. E a única forma de isso acontecer é a ideia que eu queria compartilhar com vocês hoje aqui. Esse movimento é uma novidade do mundo tecnológico, e ela pode começar aqui no lugar onde muitas dessas conversas começam, no país que é uma inspiração, no Brasil. Então, eu já terminei de falar. Espero não ter falado muito.

SR. VAGNER DINIZ: Muito obrigado, Renata. E você disse que nós precisamos manter a utopia, e alguns princípios de governança podem nos tirar dessa situação. Guardar isso porque nós vamos voltar a esse debate daqui a pouco, tá bom? Muito obrigado, Renata, agora passo a palavra para o Wolfgang.

SR. WOLFGANG KLEINWÄCHTER (por intérprete): Muito obrigado por terem aqui comigo! Muito... Espero que meu microfone esteja funcionando. Muito bem. Gostaria de agradecer a vocês pelo convite. Eu adoraria estar no Brasil agora, como já fiz outras vezes. Mas eu estou muito feliz de ver que mesmo em um momento tão difícil, vocês conseguiram organizar um painel tão bom para discussões.

Eu acho que nós temos que dar uma oportunidade para a paz. Talvez eu seja um sonhador, mas eu não sou o único. Então acho que é isso que eu queria dizer, os sonhos que nós temos em relação à Internet, onde as coisas eram diferentes do que nós temos aqui hoje, no início da Internet, nós falávamos muito sobre democracia e toda essa filosofia. Mas agora nós temos alguns... uma dessas pessoas que já são os avós e os nossos pais.

Então, a Internet foi politizada e isso quer dizer que nós vivemos em um ambiente totalmente diferente. Quando nós falamos no futuro, temos que levar tudo isso em consideração. Acho que esse é um desafio. As pessoas de 20, 30 anos de idade têm que se dar conta de que houve sonhos, eles mudaram de um extremo para o outro, mas como sempre, as ferramentas e a vida real ficam lá no meio disso tudo. E é um desafio para os próximos 20 anos. Acredito que 20 anos atrás, antes da formação dessas sociedades, eu me lembro que foi por isso que o G-8 foi criado, a Rússia até fazia parte. Eles assinaram a declaração de Okinawa com um número pequeno de pessoas. Vão se lembrar dessa declaração de Okinawa, sobre a sociedade da informação. E esse era um modelo de governança interessante, com uma abordagem, com várias pessoas das comunidades técnicas, com

vários parceiros. Ou seja, você não vai colocar todo o poder em apenas algumas mãos, trata-se de um conceito político do compartilhamento que foi introduzido onde disseram que está tudo bem, todos esses nossos recursos e protocolos devem estar abertos e compartilhados.

Isso ocorreu há 20 anos atrás. Mas 20 anos atrás, a Internet era vista, mais ou menos, como um problema técnico, com algumas implicações políticas. Não estava na agenda da política. Mas hoje a Internet virou um problema político, com alguns componentes técnicos. Isso mudou de forma dramática. E, além disso, como agora, tudo varia de segurança, economia, direitos humanos, nossa vida do dia a dia, como foi explicado pela Renata e tudo mais, no final das contas a nossa agenda, atualmente, virou uma prioridade para os tomadores de decisão. Temos que pensar naqueles sonhos que tinham sido articulados pelo Paulo(F) na sua declaração. Nós criamos o nosso próprio mundo e o resto do mundo continua vivendo os seus conflitos, suas guerras e etc. Mas, infelizmente o mundo real é o agora, o mundo da Internet com todos os problemas que entraram nos conflitos geopolíticos do mundo todo. Complicando as coisas ainda mais, porque, 20 anos atrás, os Estados Unidos eram a única potência. Mas hoje esse não é o caso, conforme vocês já viram recentemente. Temos a liderança chinesa. Os americanos, com várias iniciativas.

E entre outros problemas, nós temos que separar essas questões, tentar organizar tudo. Eu me lembro que disseram: Mas Sr. [ininteligível], você não pode falar com esse código. Você não pode culpar os outros. Então, o que nós tivemos naqueles cinco minutos, no Alasca, nos olhos do mundo todo? Foi que nós percebíamos o rumo que estávamos tomando. Era uma situação difícil. E era o que algumas pessoas chamavam de um novo código. E esse seria o determinante para o futuro. São coisas críticas e temos que pensar na economia, nas mudanças. Vivemos em um mundo interdependente. E, até o momento, eu pessoalmente acredito que se eu me perguntasse: nós estamos em Guerra Fria, semelhante àquela dos anos de 50, 60, da União Soviética? A resposta é que provavelmente não. Porque nós temos algumas semelhanças. Mas, de fato, o que ocorre é que nós temos algumas semelhantes à Guerra Fria. Acho que a Guerra Fria dos 50, 60, onde nós tínhamos o comunismo. Na verdade, o sistema era totalmente diferente, nós não conseguíamos acordar sobre isso. Mas era um conflito fundamental entre os sistemas.

E uma coisa muito semelhante também é que os soviéticos não confiavam nos americanos. Os chineses também não confiam nos americanos, e os americanos também não confiam em ninguém. Então, este foi o argumento que: Tá, tudo bem. Nós estamos indo para uma situação parecida com a situação dos anos 50, 60. Só que há uma diferença fundamental aí. Em primeiro lugar, hoje em dia, nós não temos o muro de Berlim. Ou seja, nós temos várias fragmentações

ocorrendo, e tudo mais, mas as fronteiras do mundo continuam abertas. A economia é interdependente. Naquela época não havia um elo grande entre os Estados Unidos e a União Soviética. Da... Enfim, havia um bloqueio para o desenvolvimento da tecnologia. Só que hoje em dia as Nações Unidas têm um painel de cooperação que determina uma independência cibernética.

Isso quer dizer que se você parar agora todos terão que pagar um preço alto. E isso vai acabar levando a outras questões. E isso não quer dizer que nós encontraremos uma batalha em algumas condições que vão respeitar algumas coisas, alguns sinais de alerta que devem ser evitados. Para não ficarmos em uma situação que as pessoas chamam de guerra cibernética. São coisas que nós discutimos nos últimos 10, 20 anos sobre a Internet.

Anteontem vocês viram o ataque cibernético de Israel contra o Irã. E isso continua. O risco é bastante elevado. O uso indevido da Internet para atividades militares, que poderia sair do controle levando a um escalonamento que não é tanto quanto uma guerra nuclear. Mas temos que pensar que a guerra nuclear é uma coisa que todos evitavam, porque ela era muito arriscada.

Então, se você atacar essa infraestrutura clínica, hospitais, você coloca em risco... efeitos em cascata que poderiam levar a um escalonamento. E vocês verão que há um risco que acabará sendo um pouco deixado de lado por causa desse conflito entre China e Estados Unidos. Mas o conflito entre os dois sistemas, entre... a tecnologia do Alasca, por exemplo, temos que pensar que nós temos a democracia americana, temos a democracia chinesa, você não pode dizer se a democracia de vocês é melhor do que a nossa ou não. Temos que pensar que a democracia aos modos chineses funciona bem para eles.

Eu vivi em uma democracia do povo, atrás da cortina de Berlim, e não era muito bom. Ela era uma democracia diferente do resto do mundo, nos anos 50, 60. Mas infelizmente se nós formos discutir o futuro da Internet, vemos que nós estamos aí no meio deste conflito estratégico. E isso tem a ver com o futuro das democracias, da proteção dos direitos individuais e também os padrões que nós temos. Ou seja, agora nós temos que pensar na coisa como um todo. Temos os acadêmicos trabalhando com diferentes cenários, podemos ter alguns cenários melhores, outros piores, e o futuro fica lá no meio.

Eu acho que eu ainda tenho mais dez minutos. Vou falar alguma coisinha sobre o pior cenário possível, que seria, na verdade, que nós estaríamos chegando a uma situação onde nós vamos ficar competindo com os americanos. O Joe Biden agora imediatamente passou para a Europa, Ásia-Pacífico e revitalizou não uma aliança para parceria no Japão, Austrália, Índia, mas ele disse: "Olha, nós temos que

desenvolver uma parceria", e ele se concentrou na reconstrução dessa parceria com os europeus.

E há uma discussão muito grande sobre segurança cibernética, que tem papel essencial. Especialmente quando pensamos na parceria do Atlântico. E a situação mudou em relação há cinco anos atrás. Cinco anos atrás, nós tínhamos uma união, mas hoje em dia nós tínhamos conflitos na União Europeia, onde há uma agenda muito clara, onde eles dizem que a Europa quer construir essas normas. E eles nos chamaram há algumas semanas atrás para dizer que 2021 vai ser o ano da tecnologia na Europa, com alguns regulamentos e temos que pensar na regulação. A lei como base de todas as atividades da Internet.

E se tivermos problemas com taxaço, comércio, temos que pensar nos anos futuros, onde teremos que lidar com o desfecho da pandemia. E todas essas negociaçoes que ocorrem, relacionadas aos pacientes(F). Então, todos os elementos. Ou seja, essa parceria do mundo cibernético vai ser difícil. Não vai ser tão fácil assim construir uma frente antichinesa como a Natu(F) fez nos anos 50 e 60 contra a China. Enquanto que os europeus veem a China como parceiro, amigo. Mas eles entendem muito bem que a democracia chinesa tem semelhanças com a democracia europeia. Temos que pensar nos problemas, onde nós teríamos um 'confrontamento' total com a China. Nós temos o ministro Pompeo(F) que quer ter uma iniciativa verde, limpa, pensando na economia. Mas tem coisas que não fazem muito sentido, porque tem muito pouca gente seguindo o Sr. Pompeo(F). Mas eu vejo o texto, o que o governo americano fala, a diferença não é tão grande assim em relação ao que dizem na China.

Agora, eu acho que com relação à China... em particular, se falamos sobre a cibersegurança. Não tem a ver só, então, com aquilo que eles têm, por exemplo, nas suas fábricas. É um grande país e tem as suas instâncias. Então, para conseguir ter a democracia ali, nesse país, é muito mais próximo. E depois de três dias de encontro no Alasca, ele foi para a China, e depois tiveram dois dias de encontro com o ministro da China, falando sobre cibersegurança e sobre economia digital.

Alibaba tem agora o contato também na Rússia e também tem relação comercial com as empresas de Internet chinesa. Assim como com as empresas de Internet russas. E, entretanto, em janeiro, o ministro de Comércio Exterior assinou um contrato e, há duas semanas atrás, no encontro entre o presidente chinês e o presidente do Irã. Depois de 25 anos de tratado, esse tratado encerrou esse contrato sobre os chineses trabalharem no Irã e conseguirem ter esse tipo de tratado comercial entre os países.

E agora nós vemos aí a criação de um comércio transasiático. Talvez seja um pouquinho cedo demais para fazer qualquer concepção. Agora os interesses de valores, talvez, não sejam o suficiente para uma aliança. Mas já há alguns interesses comuns entre a Rússia, Irã e a China. E isso vai representar um desafio cibernético para os Estados Unidos e também para a Europa.

Então, isso coloca alguns outros países em uma situação delicada, especialmente a Índia, por exemplo, que tem 1.3 bilhão de habitantes. E a China também tem um número muito grande de usuários, um grande número, milhões de usuários de Internet. Então, a China é um mercado grandíssimo. E há alguns meses atrás as questões digitais estão na agenda econômica da China. Tiraram o TikTok da China, aplicando regras muito severas em cima do Twitter e do Facebook. E agora começaram um debate que nos faz lembrar de 1950, quando toda a questão do PEC(F) começou e quando o primeiro-ministro disse: "Não, nós não queremos entrar em um conflito entre as diferentes nações". E daí eles foram os iniciadores daquilo que chamamos do movimento não aliança.

E o ponto interessante é que a China e a Índia, algumas pessoas se lembram disso... E será que esse é o momento certo para o movimento digital? Para que a gente não fique intimidado a entrar nesse conflito cibernético entre China e América? Este é o problema deles.

E, de repente, nós notamos uma série de problemas potenciais em que há uma série de membros envolvidos. E criaram o [ininteligível] de 77 das Nações Unidas. Por isso muitos países africanos, países asiáticos e países latino-americanos pensaram duas vezes e decidiram: olha, se a gente tiver que escolher parceiro, China ou os Estados Unidos, qual seria opção, então? Será que temos outra opção?

A União Africana, recentemente, estabeleceu um plano de dez anos para a transformação digital da África. Então a África vai se tornar melhor campo agora de desenvolvimento. Então com toda essa infraestrutura, não é, presente na África... E por outro lado, a América acabou também investindo muito dinheiro. E a Europa, por outro lado... a União Europeia assinou também uma parceria digital entre a União Africana e União Europeia. E eles abriram em dezembro o primeiro aplicativo digital entre União Europeia e a União Africana. Em que o presidente do Egito, ele tirou dinheiro dos russos, dos americanos e se mantiveram independentes. Essa era a ideia.

Então mais ou menos este é o cenário e seria o pior dos casos... este é o pior dos casos. Agora, o melhor dos casos, o melhor dos cenários, eu estou prestes a acabar, traçando aqui o melhor dos cenários, que seria aquele em que todos nós percebemos que este é

um território um pouquinho pantanoso e se nós nos movermos muito adiante, isso pode acabar gerando alguns riscos. Então, vamos achar aí um meio termo de colaboração entre todos os atores. As Nações Unidas devem voltar como uma plataforma interessante para a promoção de colaborações entre as partes. E este deve ser um bom momento. O secretário geral das Nações Unidas depois de realizar uma oferta, há alguns anos atrás, ofereceu as Nações Unidas como uma plataforma de colaboração multissetorial para os seus atores. Alguns anos atrás, eu acredito que as Nações Unidas tinham planos para controle da Internet. Não sei se vocês se lembram, o momento do *summit*, da cúpula da Information Society em que eles se organizaram para parar com o domínio da Internet.

Mas agora as coisas mudaram e as Nações Unidas não têm mais planos de mudar a Internet e de controlar os sistemas de domínio, não mais. Mas sim uma plataforma para a colaboração multissetorial. Isso é algo novo e soa como uma oportunidade bem interessante. E foi uma surpresa mesmo para mim, que apesar de todo esse conflito geopolítico no espaço cibernético entre China e Estados Unidos, ambos os lados devem concordar que há três semanas atrás, no relatório final de acordo com o grupo de trabalho que foi estabelecido há dois anos atrás para lidar com as questões cibernéticas chegaram a uma contradição. Por um lado, nós temos um conflito, e por outro lado nós temos as Nações Unidas, China, Estados Unidos, União Europeia concordando. O relatório não tem só substância, mas conteúdos [interrupção no áudio].

É a primeira vez que notamos esse alto nível de superpotências em que alcançamos este conteúdo. E esse também é um sinal de esperança, que podemos dizer: Olha, dá para esperar para ter um mandato aí sobre uma Internet aberta até 2025. Então nós temos agora nas Nações Unidas e na China essa opção de discussão de segurança cibernética de igual para igual entre todos os seus membros. Então temos aí alguns sinais interessantes sobre esse tipo de troca de acordo sobre a digitalização. Isso talvez possa ser alcançado.

O ponto deficitário e fraco aqui, que eu noto, que não podemos fazer muita coisa que é o seguinte: se observarmos a agenda dos direitos humanos das Nações Unidas, que se encerrou na semana passada, eles discutiram tudo, mas não discutiram sobre as questões digitais. O relatório foi muito bem escrito, sobre as questões de inteligência artificial, sobre a privacidade, mas alguns pontos ficaram faltando aí. Então, enquanto aguardamos e notamos alguns sinais de colaboração no campo da economia e no campo da segurança, ainda precisamos trabalhar um pouco mais sobre a democracia. Quando a minha colega disse aqui que temos os números. Ok, temos os números, mas precisamos de uma coalizão de novos *players* do modelo multissetorial que possa defender as causas da Internet, dizendo que

este não é o espaço onde a exploração econômica deve ocorrer. Este não é o local para a violação de direitos humanos ou este não é o local certo para a censura. Este, sim, é o local para democracia e para liberdade de expressão e de justiça. E eu acho que é necessário um fórum para esses representantes do setor privado e público dentro deste modelo. Eu acho que a maior realização dentro deste processo dessa cúpula é a declaração do NETmundial que foi adotada em São Paulo em 2014, que foi praticamente esquecida. Mas seria realmente uma pena se tal declaração fosse colocada ali e esquecida nos arquivos dos livros de história e completamente esquecido... então, eu acho que depende de a comunidade reler o documento. E se relerem esse documento, verão que realmente ele soa como se fosse um documento novo, escrito hoje. Eu li esse documento essa manhã e é um documento realmente muito vanguardista e eu tenho certeza que irão se inspirar se o lerem novamente. Eu sinto se falei demais. Mas essa é uma questão muito importante. Agradeço pelo tempo de todos. Muito obrigado.

SR. VAGNER DINIZ: Obrigado pelas palavras introdutórias. Você mencionou que como *big picture*, nós estamos meio de um conflito geoestratégico, e que a cooperação internacional e a regulamentação serão elementos-chaves, inclusive para tentar mitigar os riscos de um cenário pior de conflitos militares alimentados pela Internet. Eu queria, então, passar para o bloco 2 para nós explorarmos um pouco mais profundamente isso e trazer junto também a abordagem da Renata na fala introdutória dela sobre a necessidade de utopia.

Lembro que grandes empresas de tecnologia, elas criaram ambientes controlados para manter seus usuários dentro de suas plataformas. E elas oferecem a esses usuários uma gama de serviços, ou um leque de serviços e produtos dentro desses ambientes. E hoje, por exemplo, já nem faz tanto sentido criar uma página Web para realizar algum serviço transacional, como comprar, vender, pagar, reclamar, não é? Interagir, não é? Porque você pode fazer tudo isso dentro de uma plataforma de rede social, dentro de um app, não é?

E, além disso, essas plataformas também têm servido de canais de desinformação, de polarização de ideias, não é? E creio que o pior de tudo isso é que elas têm se apropriado das informações sobre o comportamento privado. Têm se apropriado dos dados pessoais. Voltando ao tema Web e a seu criador, Tim Berners-Lee. Ele, no passado, ainda que talvez ingenuamente, ou não tão ingênuo, mas carregado da utopia, ele acreditou que a Web seria uma plataforma neutra. E que a humanidade, como usuária, a humanidade sendo boa e má intrinsecamente, né, ela apenas iria fazer o *link*, né, a marcação da sua lista de favoritos. Iriam abandonar as coisas que não seriam boas, que não serviriam e aproveitar todas as coisas que eram boas

para si, não é? Porém ele percebeu que o... mais recentemente, ele mudou de posição, porque ele percebeu que tudo isso levou a criação de bolhas, não é? E ele mesmo falou que depois do Brexit e depois do Trump percebeu-se que era necessário ter uma Web que na verdade espalhasse muito mais verdades do que lixo, como está acontecendo atualmente. E aí, recentemente, via Web Foundation, de novo, ele declarou que não se trata apenas de levar a Web para todos, mas a Web tem que servir à humanidade de uma forma positiva.

Então, pensando nisso e naquilo que vocês falaram, né, eu queria trazer duas perguntas. A primeira delas para a Renata, não é? De que forma a Internet, como está posta hoje, ela agride a ideia de servir à humanidade de uma forma positiva? Como que essas formas, elas estão se contrapondo à ideia da Internet como bem comum? Como é que ela está impactando esse nosso ideal utópico de um espaço, de um ciberespaço colaborativo e que serve à humanidade de uma forma positiva?

E para o Wolfgang, né, eu trago a pergunta exatamente dentro do contexto do que ele falou na *big picture* que ele leu: a governança da Internet está exposta hoje para servir à humanidade de uma forma positiva? Ou você entende que a governança da Internet, o papel dela hoje é mitigar os danos que já são inevitáveis por conta desse conflito geoestratégico que você tão bem colocou? Renata.

SRA. RENATA ÁVILA (por intérprete): Alguns breves comentários. Estão me ouvindo bem? Eu acho que falamos bastante aí, né, sobre o pai da Internet. Agora, vamos falar sobre os netos da Internet, chegou a hora dos netos assumirem a Internet. E eu acho que esse é o ponto interessante. Eu estou aí entre essas duas gerações, entre o pai e os netos. Por isso eu acho que toda a energia e toda a parte interessante não está exatamente do lado do sul global ou do norte global, mas sim entre todos, especialmente aqueles que querem ter o poder da criação, o poder da expressão, o poder da codificação, o poder de desenhar diferentes infraestruturas digitais. Esses pontos de inovação, de geração... de entusiasmo paralelo ao mundo digital não estão isolados daqueles entusiasmos que acontecem no mundo digital. E tudo isso me deixa muito animada porque eu vejo que muitas vezes tudo isso é invencível e esses desenvolvimentos estão invencíveis... invisíveis, devo dizer, em diferentes esferas, já que eles estão subdivididos em pequenas bolhas.

Nós precisamos dos especialistas políticos e dos superpoderes que muitas vezes visualizam. Mas nós temos as periferias, e nós temos outros níveis da sociedade que não conseguem visualizar tudo isso. E nós sentimos isso na política de diferentes nações e também naqueles pensadores das grandes empresas.

Muitos anos se passaram desde que as mulheres foram excluídas desse poder de criação, de subversão e de construção de infraestruturas. Lentamente as gerações estão ganhando poder, influência na formatação dessas ações. Mas um dos limites e dos perigos que eu vejo é que o poder ainda é uma forma dominante do mundo. E aí eu vejo dois lados da mesma moeda, enquanto que a regulamentação se dissemina, ainda temos o mundo colonialista. E nós temos aqueles programas de assistência nas regiões da África. E, apesar de estarmos na década do desenvolvimento digital, nós vemos os mesmos colonizadores e as agências técnicas e agências de cooperação que trabalham nessa abordagem *top-down* e falando com as regiões africanas sobre como desenvolver o futuro digital. Precisamos trabalhar e quebrar essa estrutura econômica.

E quando eu penso no futuro digital, eu penso na melhoria dos direitos. É necessário colocar a Internet das pessoas no centro. As pessoas precisam estar no centro dessa governança da Internet. Precisamos reconhecer que estamos em um mundo diverso, estamos em um grupo diverso de pessoas, em que um único modelo não pode servir a todos. Por isso o problema que nós temos hoje em dia, na minha opinião, é essa ideia de padrões globais, padrões globais que acabam sacrificando modelos locais. Eu me lembro quando as nações em desenvolvimento foram forçadas a empregar as tecnologias de IPI. Eu me lembro de alguns obstáculos que tivemos que operar. E eu vejo isso agora no momento das vacinas. E é isso, no futuro possível é necessário imaginar diferentes maneiras de implementar essas regulações e adaptar permissões, permissões para limitar essas sanções sobre patentes, inovações e mesmo regras de privacidade que põem altos padrões de determinadas regras da União Europeia ou das Nações Unidas, ou problemas mais existentes que vão cristalizar as desigualdades que temos hoje em dia.

E uma outra reflexão, ainda, que eu gostaria de trazer aqui é sobre as Nações Unidas. No nosso mundo digital é necessário fixar o multilateralismo. Eu acredito no sistema das Nações Unidas, mas nós precisamos de um governo principal que sirva todas essas gerações e que possa sobreviver a todos esses continentes mais poderosos e, com isso, é necessário não deixar passar a oportunidade, todas as oportunidades tecnológicas, e recuperar aquilo que o Wolfgang *said*, as lições aprendidas com o NETmundial, trazer essas lições de volta à ativa para a agenda pendente de todas as organizações. E vamos voltar 25 anos e ver todo o progresso que alcançamos, globalmente falando, e juntar todos esses avanços em um único pacote e levá-lo para um próximo passo. Um passo em que vamos conseguir separar as lutas digitais para direitos, daqueles direitos contra corrupção, concentração de poder, a luta pela democracia e a luta pelo futuro de igualdade de

gênero, de raça e, é claro, a luta contra as mudanças climáticas para um melhor ambiente, ecológico e justiça climática.

Quando eu imagino esse novo mundo, eu penso em uma combinação de todos esses fatores. Um futuro feminista, um futuro verde, um futuro ecológico, um futuro de equidade para todos com a possibilidade de conseguir atender a todos. Estes, para mim, seria, na verdade, uma esperança para as novas gerações, para realmente, realmente chegar ao poder da inovação. É isso.

Então essas foram as minhas últimas reflexões. Na verdade, não é um processo de vontade. É uma coisa que nós discutimos em Genebra, nós começamos com as favelas, começamos nas universidades, em todos os lugares onde tentamos mudar essas estruturas. Precisamos pensar no nosso ecossistema. O ecossistema digital está interconectado a outros sistemas também. Onde nós temos que reinventar isso tudo. Bom, era isso que eu queria compartilhar com vocês, é a minha visão global sobre a questão.

SR. VAGNER DINIZ: Obrigado, Renata. Guarda essa sua fala sobre o novo ecossistema e essa agenda para novas gerações, feminismo, racismo e crise climática que nós vamos voltar a isso no bloco seguinte, quando nós tentarmos pensar um pouco sobre como sairmos disso e qual é a proposta para o futuro. Passo agora, então, para o Wolfgang. Por favor, Wolfgang.

SR. WOLFGANG KLEINWÄCHTER (por intérprete): Muito obrigado. Renata, esse conceito que você mencionou é realmente um bom conceito. A primeira tarefa poderia pensar que 20 anos depois [ininteligível] nós teremos uma conferência, em 2025, que não está tão longe assim. Então, se eu me lembrar bem de como ocorreu esse processo, uns 5 anos atrás, e se nós pensarmos em vários dos temas que você falou, na sua intervenção, tem que ser incluídos no texto. Então, nessa perspectiva aí, esse documento de Genebra e [ininteligível] às vezes podem parecer como um aperitivo quando nós pensamos. Se nós pensarmos na Declaração dos Direitos Humanos e no papel das Nações Unidas, com documentos recentes também. Quando nós falamos das Nações Unidas, vejo que nós temos que estar cientes de que os governos sempre mencionam essas questões, mas não tem só a ver com a soberania do estado, não. O principal princípio seria a soberaniedade(F) do estado que seria o desfecho dessa determinação das pessoas. Esse seria o ponto de partida. São as pessoas que criam todas essas coisas. Nesse sentido, se tentarmos utilizar a plataforma das Nações Unidas, nós podemos revitalizá-la, trazendo também todos os atores da sociedade civil. Acho que talvez essa seja a melhor diretriz.

E eu acredito que uma coisa que nós temos que mencionar aqui é que infelizmente não tem como evitar que a Internet seja trazida

cada vez mais para essas questões políticas... Há muitas oportunidades econômicas também envolvidas de forma que o futuro não é tão brilhante quanto gostaríamos que fosse. Agora, para enfrentarmos isso, precisamos que a Internet funcione. E é uma grande tristeza nesse sentido que mesmo levando em consideração todos esses conflitos políticos, a infraestrutura básica da Internet continua funcionando, ela acomodou de uma forma incrível 1 bilhão de pessoas, crescendo cada vez mais. E mesmo a pandemia demonstrou que a infraestrutura que nós temos, que está nas mãos da comunidade técnica, com alto envolvimento da sociedade civil, não apenas sobreviveu, mas também demonstrou que temos um recurso técnico tão importante que pode ser administrado de forma tal que não vai servir para fins militares.

De forma que eu acho que é muito importante introduzir o termo de governança técnica da Internet. Em todos esses conflitos, nós já vemos que podemos ter uma forma de administrar a Internet. E, até o momento, a terminologia que nós temos e essa governança técnica da Internet não é uma coisa tão nova assim, não. Se nós pensarmos no que tinha sido proposto há 15 anos atrás, com uma diferenciação entre o desenvolvimento e o uso da Internet.

O uso da Internet sofre todas essas consequências políticas, entre outras. Para melhorar essa cooperação técnica e demonstrar que um recurso global para o interesse da comunidade global, independente da intenção do usuário, funciona. E isso demonstra um efeito. Podemos dizer: Ah, tá, podemos demonstrar que a comunidade consegue... na verdade, a comunidade empoderada consegue solucionar problemas e também lidar com os recursos... Isso não basta, pode ser apenas o início, mas é sempre bom ter esses bons exemplos disponíveis.

SR. VAGNER DINIZ: Ok. Wolfgang. Eu volto... vou falar com você e vou insistir um pouco na pergunta sobre se o nosso destino atual com relação à governança da Internet é promover uma Internet que sirva à humanidade ou se é, considerando que a sua perspectiva para o futuro da Internet não é tão otimista, se nos está reservado o destino de mitigar os problemas que nós temos hoje da Internet? Wolfgang.

SR. WOLFGANG KLEINWÄCHTER (por intérprete): Olha, eu acho que vocês devem se lembrar daquela reunião em São Francisco, dez anos atrás. Falamos... na verdade, falaram sobre o entendimento da governança da Internet. Que é uma coisa muito difícil. A minha impressão das palavras do Clinton, na época, é que a governança da Internet é um território desconhecido. Muitas dessas coisas com as quais lidamos, embora ela já esteja aí há muitos anos, nós ainda estamos no início disso tudo.

As consequências, nós não sabíamos quais seriam. Não conseguimos ver as consequências. Tínhamos o Yahoo, no começo. O Google era apenas uma empresa pequenininha. Mas muito do que foi desenvolvido e das coisas que nós vemos agora são consequências não intencionais. Há grupos com diferentes intenções, pessoas que querem ganhar dinheiro, criminosos, todos entraram nesse espaço. Realmente, chegou a hora de parar e dizer: Tá, essa não foi a intenção, mas foi isso que aconteceu, como resultado. E temos slogans tão maravilhosos, como inovação, mas sem diretrizes e sem certas barreiras acabamos indo em rumos que são bastante contraprodutivos.

Não faz muito sentido agora pensar o que vai acontecer em 2050. Precisamos de uma discussão conceitual sobre como corrigir as coisas que aconteceram nos últimos dez anos. Já identificamos essas coisas, mas nós temos que reformatar isso, reformatar esse rumo. Agora já está mais claro, muitas coisas já estão mais claras.

Seria muito simplista esperar que dois ou três tratados ou regulamentos poderiam lidar com todos os problemas e colocar tudo no rumo certo de novo. Até o momento, a batalha por uma Internet de qualidade está relacionada à democracia. Essa batalha não é fácil. E essa recomendação de diversidade, ou que uma coisa vai servir para todo mundo, ou as novas guerras aí, então, a China, Estados Unidos, enfim, ou a Rússia. Na Rússia, eles dizem que nós vivemos em um mundo poderoso e muito polarizado. O Brasil, depois das próximas eleições, pode estar de volta para ter expectativas precisas do rumo a seguir. Gente, essa sempre é uma batalha contínua. Está sempre em andamento.

SR. VAGNER DINIZ: Obrigado, Wolfgang. Ainda gostaria de avançar, agora, né, para o outro bloco. Que creio que é um bloco que pode nos trazer um pouco mais de esperança, não é? Lidar um pouco com essa ideia de um novo ecossistema, de pensarmos como o Wolfgang falou agora: Olha, tudo que fizemos, a intenção que tínhamos não era essa, era uma outra coisa. Então a pergunta é: será que nós podemos ter a Web que nós queremos?

E aí eu lembro, né, novamente, assim, o Tim Berners-Lee, recentemente, ele fez algumas sugestões, não é? Deu alguns exemplos do que nós poderíamos ter para melhorar o ambiente da Web. Ele citou o exemplo do Birdwatch, do Twitter, em que os usuários podem, de uma maneira colaborativa, sinalizar as informações que estão incorretas circulando pelas redes sociais. Ele também tem uma própria iniciativa, que é o Solid, na qual as aplicações, na plataforma Solid, elas devolvem aos usuários o controle dos seus próprios dados. Ou seja, os usuários definem quais dados eles disponibilizam e para quem esses dados são disponibilizados. Enfim, vem surgindo, né, um

conjunto de ideias como que para reinventar a maneira de utilizar a Internet, não é?

Como o Wolfgang falou, uma coisa é o desenvolvimento técnico da Internet, e a outra coisa é o uso que é feito dela, não é? Então, pensando nos cenários futuros, será que é possível fazer esse descolamento, né, o desenvolvimento descolado do uso da Internet, não é? Será que é possível nós termos a Internet, a Web que nós queremos? Qual é o cenário futuro? E sugestões que vocês colocam? Renata.

SRA. RENATA ÁVILA (por intérprete): Olha, estou muito empolgada em responder essa pergunta. É um assunto com o qual eu estou trabalhando no momento. Eu tenho que dizer algumas coisas aqui: o setor privado é protegido, ele é blindado. Temos uma infraestrutura de acordos comerciais e regulamentos que faz com que fique praticamente impossível modificar o comportamento deles. Segredos de negócios, enfim, tudo o que acontece lá dentro é protegido. Mas acho que é possível termos um outro futuro, para isso precisamos de instituições públicas e democratizar o ciclo de tecnologias utilizadas pelo setor público.

A Covid nos mudou, a urgência de digitalizar. Muitas fontes públicas serão investigadas nesse processo. Vamos pensar nos processos de compra e das grandes empresas de tecnologia que estão cada vez mais ricas e o estado acaba ficando mais fraco, mais dependente e incapaz de fazer que o tem que fazer. E acabamos sendo administrados por sistemas centralizados. Então, o que eu queria propor aqui é um algoritmo diferente. Proponho que da mesma forma como democratizamos a forma como criamos as leis e como governamos, devemos modernizar o ciclo da tecnologia. Nós precisamos de engenheiros, é claro. É claro que precisamos de gente que faça projetos. Mas precisamos ter a capacidade de projetar tecnologias voltadas para o setor público, para que as empresas privadas, que estão centralizadas lá no vale do Silício, enfim, o que eu proponho aqui é uma coisa mais abrangente, por exemplo, vamos decidir se nós vamos ter plataformas utilizadas a distância, não é? Então como é que nós podemos envolver os alunos, os professores, a questão do ensino? Não é um processo onde nós vamos apenas pensar na tecnologia e no futuro. Desde o momento da concepção até o momento da invenção(F) e até o teste, nós temos que manter um ciclo fluído.

Uma outra coisa, voltando a essa cooperação Sul-Sul(F), nesse espaço público, tecnologia de interesse público, a infraestrutura de interesse público. Eu acho que atualmente não conseguimos nem ter dados essenciais sobre a pandemia. Precisamos de ter o poder dos dados sendo levado de volta para o interesse público.

Tudo isso, claramente, faz parte de uma ideia maior. Nós podemos tomar uma decisão para desenvolver a nossa capacitação e compartilhar essa capacidade em termos de inovação e de ter conteúdo disponibilizado de forma aberta para todas as nações.

A última coisa seria pensar na realidade e na capacidade de adaptação. Nós temos que pensar todas as coisas que nós utilizamos, como, por exemplo, o WhatsApp. Nós ficamos muito sob pressão, para o futuro, precisamos de um sistema de inovação social. As pessoas têm muito potencial. Nós não precisamos de ter esse pessoal que trabalha com tecnologia trabalhando em um mundo isolado. Podemos ter pessoas que lidam com arte, entre outras coisas. A tecnologia faz parte da nossa vida no momento. Realmente, temos que investir em inovação técnica, precisamos reinventar o espaço público, reimaginar as instituições públicas e suas relações com o mundo digital e benefícios sociais.

Tudo isso tem uma convergência. Essa convergência pode ser feita para abrigarmos, por exemplo, em relação à mudança climática e a capacidade do sul global de se adaptar, de inovar... e das instituições se reapropriarem do seu mandato. Não vamos abandonar o setor privado, mas precisamos voltar ao papel público e às oportunidades. Eu realmente acredito que podemos começar, por exemplo, com clima e educação e cultura, por exemplo. E isso vai do local para o global.

Essas são minhas ideias gerais de como podemos fazer isso. E isso tudo me empolga muito. Se analisarmos os números e pensarmos na quantidade de dinheiro que vai para essas empresas no mundo todo, especialmente no sul global, e a dependência que nós temos nesse ambiente ou nessa composição geopolítica muito frágil, não podemos ficar sempre em infraestrutura.

Seria tolo ficar pagando, pagando, deixar os nossos dados irem embora, tudo ir embora, sem desenvolver as nossas capacidades locais. As capacidades locais transcendem tudo isso. E eu acredito que todos os membros da comunidade têm que ter uma voz, envolvidos no desenho, no desenvolvimento dessas tecnologias, definitivamente a tecnologia atende melhor as necessidades das pessoas, sem preparos muito caros ou nada disso.

SR. VAGNER DINIZ: Obrigado, Renata. E você vai voltar, viu, Renata? Você vai ter que falar, porque tem uma pergunta aqui para você, para dar exemplos práticos sobre essas coisas que te deixam muito animada com o futuro da Internet. Você vai voltar. Wolfgang, o que você me diz sobre os cenários futuros e o que nós podemos fazer? Inclusive algumas das ideias do Tim Berners-Lee sobre participação para melhorar a Web que temos.

SR. WOLFGANG KLEINWÄCHTER (por intérprete): Olha, eu gostei muito da referência que a Renata fez sobre a capacitação, o

conceito de capacitar a política. Eu acho que esse é um conceito que foi introduzido lá na década de 90, quando foi proposta aí a terceira onda, sabe? Que era o sonho dos acadêmicos, não é? E o conceito de capacitar os cidadãos para que eles pudessem realmente tomar o destino nas suas próprias mãos está muito próximo daquele conceito que eu mencionei anteriormente. Ou seja, isso quer dizer ter aí usuários qualificados, experientes que entendam como o sistema funciona para fazer o melhor uso deste sistema. E que possa desenvolvê-lo. Já que a infraestrutura e essa terceira onda mostram como utilizar a tecnologia. Digamos que tenhamos uma infraestrutura hierárquica, vamos colocar isso através de uma infraestrutura descentralizada e que todo o conhecimento e o poder esteja nas extremidades. Nós vamos trabalhar de uma forma mais descentralizada, mais democrática, com maior participação dos cidadãos dentro deste processo.

Enquanto que esse modelo de multissetorialismo, que foi introduzido pela Information Society, esse é o melhor modelo, mas infelizmente vários governos que apoiam o modelo multissetorial, eles discutem e... entre o modelo empresariado e da sociedade civil. Eles dizem através das consultas de multissetorialismo... se você se consulta, se você faz uma audição com alguém essa é a ideia do modelo de multissetorialismo que deve estar dentro das sociedades organizacionais que trabalham com diferentes modelos de organização, mas devem fazer todos parte dessa mesma evolução. Agora, o que é o caso em vários países, dentro desse modelo de multissetorialismo, grandes governos e grandes empresas, eles precisam trabalhar dentro deste cenário da sociedade civil e em que os cidadãos, infelizmente, são removidos, não fazem mais parte desse cenário e não conseguem dar suas opiniões. Por exemplo, na Alemanha, o governo alemão, ele diz: Nós precisamos remover o conteúdo nocivo, mas como governo democrático não queremos remover isso. Nós mandamos para o Facebook. Daí o Facebook diz: Ah, não, a gente vai ter que remover tudo, já que o governo diz que isso não é permitido. Então a gente acaba perdendo o mecanismo da liberdade de expressão dessa forma. E também a liberdade de privacidade.

Até o momento, então, é necessário reconhecer que esse modelo de multissetorialismo que foi apresentado pela ICANN e pela cúpula da Information Society, nos mostrou nos últimos anos que tem também as suas fraquezas conceituais. Já que não há instituições, procedimentos, regras que nos ajudam na implementação. E, por outro lado, temos uma boa discussão que ocorre ali, nos fóruns governamentais. E o Brasil já sediou duas vezes o IGF. Agora, no momento da decisão, da tomada de decisão, não temos nenhum

stakeholder ali na mesa de discussão. Ou vamos ter representantes do governo ou do setor empresarial.

Eu acho que não foi uma má ideia do Facebook dizer que vamos ter membros independentes participando ali da tomada de decisão e vamos reconhecer quais são essas pessoas que vão nos controlar no momento da tomada de decisão a respeito do conteúdo e moderação do conteúdo.

Então isso deve ser visto, o trabalho que o Facebook... está sendo feito ali no comitê para solucionar esses conflitos. Então Mark Zuckerberg *said*: Tudo bem, nós vamos remover isso, vamos fazer uma boa cooperação, aí, com vocês, diz o Mark Zuckerberg. Mas essa é uma questão importante. E até o momento eu creio que realmente é necessário, instituições conceituais mais avançadas, sistemas de *stakeholders*. E eu posso discutir aí a transição da comunidade, em que nós precisamos pegar aí o comitê da ICANN. O mecanismo que foi instituído sob aí a comunidade é tão complexo que ninguém entende muito bem como funciona completamente, seis anos depois da sua introdução, há alguns casos em que houve uma mobilização da comunidade ais como a nossa comunidade, mas ninguém sabe exatamente como conseguimos realmente mobilizar a comunidade empoderada.

Eu não acho que a transição da IAN(F) foi um erro, mas de maneira conceitualizada, daquilo que chamamos da sociedade empoderada. E foi o que nos trouxe um resultado brilhante. Vamos ver daqui para a frente. Então, uma das ideias que discutimos recentemente na OCD da Viana(F), que tem um escritório que fala sobre a liberdade de expressão, na área de inteligência artificial, que diz que é necessário ter uma resolução de disputa independente. Agora nessas disputas, você não pode deixar as disputas na mão do governo ou na mão da colaboração, da cooperação. É necessário inventar algo que seja novo. E na ICANN, no início, quando nós inventávamos os domínios de nome, era necessário criar sistemas independentes, vamos pegar, então, isso como nossa inspiração e criar, de maneira judiciousa, um mecanismo que vai centralizar as partes na sua tomada de decisão na presença de conflitos. Se tivermos o governo de um lado e a colaboração do outro lado. Cidadãos, e os governos e as colaborações.

Isso faz parte da agenda que sonhamos. E se pensarmos em todos os elementos da sociedade democrática, é necessário ter novas instituições que garantam esses benefícios, benefícios justos entre os diferentes *stakeholders*. E nenhum *stakeholder* possa(F) dominar o desenvolvimento futuro. E devemos defender de maneira adequada e respeitar os direitos fundamentais. Realmente, temos ainda um longo caminho a percorrer. Passo a palavra.

SR. VAGNER DINIZ: Obrigado, Wolfgang. Não sei se eu consigo captar plenamente a concepção dos dois. Mas eu sinto que parece que há uma pequena tensão entre a proposição que a Renata faz e a proposição que o Wolfgang faz.

Eu percebo que parece que a Renata aposta mais na criação de um novo ecossistema na Internet que gere políticas habilitadoras de cidadãos comuns e que vai viabilizar inovações sociais, né, e não sobrecarregar os cidadãos, não é? E, por outro lado, me parece que o Wolfgang aposta mais no desenvolvimento de uma infraestrutura descentralizada, uma infraestrutura técnica descentralizada e uma cooperação global dentro do sistema, não é? Acho que há uma tensão. E eu queria que os dois comentassem sobre isso, se eu estou fazendo uma leitura correta do posicionamento dos dois. Renata.

SRA. RENATA ÁVILA (por intérprete): Sim, há uma tensão inevitável. Eu não acho que o sistema de multissetorialismo, como Wolfgang disse, está... que já existe há 20 anos, situação com o sistema de governo atual, as coisas só estão piorando para as pessoas, para os cidadãos. Especialmente para as novas gerações. Eu ainda gosto um pouquinho... a criação da Internet, a possibilidade da Internet, *Internet of possibilities*. As crianças, hoje em dia, se conectam na Internet da hipermonetização de tudo que fazem, sem receber nada de volta. Sem a possibilidade de receberem nada de volta para eles, exceto com o negócio do TikTok.

Então, o que eu estou sugerindo aqui ou propondo não é uma substituição de sistema, não, mas sim uma criação de um sistema, um sistema de inovação digital, que possa respeitar diferentes regras e alocar diferentes recursos, ao invés de competir simplesmente abrir uma fatia desse sistema. Ter um pouco de espaço para liberar um pouco de ar. Como, por exemplo, nós temos aí a entrada de capital de risco, que é uma questão. Nós sabemos que o monopolismo técnico também está inclinado à produção de tecnologia geral que pode ser aplicada a todas as nações, elevando a Internet fraca, a tecnologia pobre, também. O sistema como um todo não está entregando o que necessita entregar para o seu fim. Então, o potencial da tecnologia digital está completamente fora. E está lutando com sangue, com envolvimento de política... geopolítica e todas essas questões.

Agora, para o grupo controverso que descreve aqueles países que são *big players*, são grandes participantes no consumo dessa tecnologia. Então, eu estou propondo um modelo de atenção que talvez não tenha ficado muito claro. O que eu estou propondo aqui é criar um espaço aberto de inovação e a criação local. Eu me lembro, todas as possibilidades, e tivemos no Brasil em paralelo com o NETmundial. E eu me lembro enquanto a Internet estava sendo discutida no NETmundial, para aquelas que não estão familiarizados com o

NETmundial e com aquilo que foi discutido. Então, todas essas questões formais, tem cinco minutos para enviar declarações e mensagens diplomáticas, assim por diante. Em paralelo a isso, você vai passar por um espaço mágico que é criado pela municipalidade, assim por diante. E ao lado... E isso foi lindo. Realmente surpreendente. Porque era um espaço em que você via todos os jovens criando e propondo e experimentando novas tecnologias. Destravando o potencial de comunidades de criadores, de invasores, de inovadores, devo dizer, desculpa, fora da dinâmica hipercapitalista do empresariado.

Nós precisamos de melhores mentes da nova geração e dos empreendedores, devo dizer, e daí precisamos combinar as habilidades digitais com consciência social em prol do interesse público, como princípios, diretrizes, ao invés de *data mining* e lucratividade apenas. Essa é a minha ideia. Eu sei que é um pouco idealista, mas eu acho que é o que deve acontecer. Muitas pessoas têm esse tipo de pensamento. Muitas pessoas adoram o digital, veem o potencial do digital. É nossa tributação, é o dinheiro público. E os outros sistemas estão acompanhando a lucratividade, né, como princípio técnico. É isso.

SR. VAGNER DINIZ: Obrigado. Wolfgang.

SR. WOLFGANG KLEINWÄCHTER (por intérprete): Sim, obrigado. Ouvindo agora a Renata, eu me lembro as discussões que tínhamos quando eu tinha a idade da Renata sobre evolução e revolução. Realmente, esse é um debate sem fim, mas que é muito útil e vale a pena. E temos esse conflito idealismo de um lado e pragmatismo do outro lado. Devido o resultado de ideias revolucionárias e até o momento devemos esperar e traduzir todas essas ideias uma a uma, dentro de um tempo razoável. Até o momento, então, é necessário encontrar o equilíbrio desejável entre aquela abordagem mais idealista *versus* a outra que é um pouco mais pragmática e encarar a realidade como ela é e realmente conseguir entender cada um dos desenvolvimentos, na tentativa de correção dos erros. E há uma série de pequenos passos que são necessários para conseguir corrigir. E, como eu digo, é melhor dar pequenos passos do que grandes saltos. E quando olhamos para o passado, 20 ou 30 anos, não é nenhuma surpresa ver que aquela evolução silenciosa, ou, na verdade, a evolução levou a uma revolução e o que temos hoje em dia é bem diferente do que tínhamos há 20 ou 30 anos atrás.

E daqui para a frente necessitamos de um diálogo aberto com todo esse *input* idealístico, realista para realmente entendermos como quais são as necessidades realistas para fazer aquilo que é necessário. Mas é necessário entender o mundo como ele é. Mas entender a realidade e ser crítico, avaliar essa realidade e fazer aquela análise,

realmente, da realidade, *smart analysis*, para entender quais são os pontos fracos, os pontos fortes, as fraquezas, as oportunidades e as ameaças. Fazer realmente uma boa análise.

E com isso não podemos ficar muito impressionados com o sucesso comercial ou com qualquer outro tipo de coisa. E daí realmente parar e nos perguntar: qual é efeito colateral de cada uma dessas análises? Uma das principais citações de Karl Max, Karl Marx, que eu gosto de repetir muito, que talvez vocês conheçam, é o seguinte: muitos refletem a respeito da era industrial. Ele estava muito entusiasmado com toda a evolução industrial que estava acontecendo, não é? As máquinas, os trens e tudo mais. Mas ele dizia: "O louco é que tudo vai ao contrário. As unidades da idade do investimento, que acabam produzindo a exploração e horríveis condições de trabalho para os nossos trabalhadores". Então, as lições aprendidas durante a Revolução Industrial e como o mundo reagiu às oportunidades e às ameaças a partir de uma análise neutra, proposta por Max na solução desses conflitos.

Mas, infelizmente, esta reflexão não funcionou e acabou complicando muito mais toda essa jornada. E a questão que estamos vivendo hoje não é muito diferente da questão que vivemos na Revolução Industrial. Os problemas digitais são muito semelhantes aos problemas da era industrial. Então, esses problemas digitais, muitas vezes, o que aconteceu no passado é realmente uma cópia daquilo que aconteceu... o que está acontecendo hoje é uma cópia daquilo que aconteceu no passado. E uma reação, por exemplo, dos investidores foi a criação desses sindicatos. Então há uma série de sindicatos digitais para lutar pelos direitos, levou um tempão para que esses sindicatos de comércio pudessem realmente defender os seus negócios. Será que não há um elo faltando aí nesse sistema? Será que agora esses sindicatos de comércio digital, eles estão defendendo os seus trabalhadores? Ou será que esses trabalhadores estão perdendo os seus direitos fundamentais? Então, eu acho que é bom aprender com a história passada. Eu acho que pegar tudo da história, não é a ideia, mas eu acho que se inspirar com a história que vivenciamos é uma boa ideia.

SR. VAGNER DINIZ: Obrigado, Wolfgang. É uma discussão que certamente está aberto, porque entendo que por tudo o que nós discutimos até agora, né, temos um ponto que me parece comum que é uma discussão sobre ética. Creio que todos os pontos que nós colocamos, eles convergem para essa necessária reflexão sobre uma ética que nós precisamos ter acordada para o futuro da Web.

E com isso, nós estamos o encerrando o bloco 3 e queria passar para o bloco final agora, que são algumas perguntas. Nós ainda temos dez minutos para nós... no nosso seminário e tenho aqui algumas

perguntas, são poucas, mas eu vou fazer essa pergunta. Vou fazer e vou distribuir, não é? São três perguntas, eu acho, quatro. Vou fazer a pergunta, passar a primeira pergunta para o Wolfgang. Feito pelo Credson Isaac. Ele diz assim: "Hoje a nossa Internet é uma fábrica de *fake news*, infelizmente. E nós perdemos mais tempo verificando a veracidade ou não da informação, do que absorvendo a informação". E aí ele pergunta: "A liberdade, ela pode ser tão livre assim que possa permitir esse exército de *fake news*? Creio que o uso da liberdade se torna uma ferramenta, neste caso ferramenta de domínio, que é uma antítese do conceito de liberdade." Gostaria que o Wolfgang comentasse essa pergunta e posicionamento do Credson.

SR. WOLFGANG KLEINWÄCHTER (por intérprete): A liberdade da informação, isso vai ser objeto do próximo seminário, não é? E nós acabamos voltando à questão da igreja católica, né, que no começo ela se empolgou com a oportunidade de ter a bíblia e depois ela foi utilizada pelas pessoas para criticar a igreja. Ou seja, o que deve ser permitido ou não em termos de conteúdo? Essa é uma história que já ocorre há centenas de anos.

Eu vou mencionar um outro filósofo, há 200 anos atrás, tínhamos uma frase que dizia: "A diferença entre o rico e o pobre é a liberdade que oprime". Acho que este é um conceito muito interessante, uma declaração muito clara. Ou seja, a liberdade entre iguais é diferente da liberdade entre não iguais. Ou seja, temos que contextualizar a liberdade. A resolução(F) francesa dizia que a sua liberdade termina aonde começa a liberdade do outro. Ou seja, a liberdade implica em reconhecer a liberdade do outro. Que é uma outra questão filosófica.

Em termos de *fake news*, em discurso de ódio também, 20 anos atrás, eu não era contra regulamentos, mas há um uso indevido da Internet. Precisamos de regulamentos razoáveis e inovadores, que sejam inteligentes. Temos que criar regulamentos inteligentes que vão nos ajudar a livrarmo-nos de todas essas coisas indesejáveis.

E a última coisa que eu queria mencionar aqui é que nós estamos tão ocupados conferindo tudo o tempo inteiro que nos leva a um sistema de educação que vai permitir com que os usuários finais aprendam a utilizar isso. Não faz sentido termos que ficar gastando muito tempo tentando conferir tudo. Porque nós sabemos que 80% do conteúdo que entra no nosso computador não vale. Então é importante que nós o ignoremos mesmo, logo de cara.

SR. VAGNER DINIZ: Obrigado. A próxima pergunta para a Renata: em que medida os novos modelos econômicos baseados no uso de dados deveriam gerar um bem comum? Ou em que medida os dados que estão disponibilizados na Internet, por usuários ao redor do mundo, podem ser tratados como um bem comum?

SRA. RENATA ÁVILA (por intérprete): A pergunta é excelente. É realmente muito interessante observar como que, em geral, temos muito pouca educação sobre o valor dos dados. O valor dos dados fica oculto. Há muito potencial nesses dados. E nós já vimos isso tantas vezes. Há muito potencial nos dados que nós geramos, problemas sociais que poderiam gerar benefícios sociais.

Em Amsterdã, e o Ministério da Saúde de Helsinque têm avaliado alguns modelos de dados muito interessantes. Por exemplo, se houver muitas empresas trabalhando na sua cidade, o que acontece com os cidadãos e a universidade, ou qualquer pessoa que queira melhorar o acesso de informações, por exemplo, com indivíduos com limitações físicas ou pequenas empresas. E se todas essas pessoas pudessem se beneficiar dos dados não pessoais que poderiam ser utilizados a favor das pessoas, em benefício das pessoas. Como é que isso afetaria as nossas interações? E o que acontece com os sistemas públicos que são operados com o nosso dinheiro. E a resposta é que: sim, um dos problemas é que nós temos ecossistemas e, além de gerar os dados nas cidades, nos países, em áreas específicas, onde nós pensamos em como e por quê a educação está indo bem, em outros lugares não está. Tudo isso, esse tipo de dado precisa ser socializado, precisamos socializar coisas que podem ser utilizadas pelas pessoas em lugares diferentes. Nós temos esse benefício com a Internet. Nós podemos compartilhar com um número grande de pessoas ao mesmo tempo.

Para entender o valor real dos dados, e não apenas da ação, mas do valor potencial que nós temos precisamos de duas coisas, precisamos de regras criativas que incentive os atores que tenham esses dados a compartilhar com outros e também que os dados sejam compartilhados e os capacitadores, que possam ajudar às pessoas a utilizar esses dados. Incentivar mais empresas, universidades e comunidades, aos dados... e gerar mais dados e voltar tudo isso para a comunidade. Mais uma vez, voltando às áreas onde devemos pilotar essas relações, é muito importante ter dados ambientais. Por exemplo, nós temos um exemplo de sensores, que foram colocados à disposição das pessoas que poderia gerar dados sobre a qualidade do ar, por exemplo. Eles conseguiram, ao compartilhar dados, gerar uma mudança muito grande na qualidade do ar. Essas inovações foram utilizadas, por exemplo, em relação à poluição sonora. Também foi possível melhorar a qualidade de vida, ao compartilhar os dados com o governo local, evidenciando que eles estavam sofrendo com a poluição sonora. São exemplos muito rápidos de como a geração de dados pode nos ajudar, como cidadãos, e conectando os sensores de uma forma que nós podemos mudar e transformar.

Há mais que nós podemos fazer. Precisamos de investimento. São coisas reais. E também temos uma oportunidade de compartilhar dados, com possibilidades infinitas, na verdade, nesse sentido.

SR. VAGNER DINIZ: Para finalizar, são duas perguntas, uma para o Wolfgang e outra para a Renata, exemplos concretos. Wolfgang, qual seria um exemplo concreto de soluções tecnológicas que possam fazer prevalecer o interesse público?

SR. WOLFGANG KLEINWÄCHTER (por intérprete): Bom, em um nível mais básico, nós temos que pensar na natureza da Internet da forma como a conhecemos. Porque tudo isso pode ser utilizado para permitir que inventemos alguma coisa. Essa inovação sem permissão é um conceito capacitador que pode ser negativo. Mas temos que pensar em todas essas discussões que nós temos nos últimos anos, na área de transporte, ajuda, meio ambiente, enfim. Nós temos a tecnologia por um lado, com soluções que podem contribuir para fortalecer o interesse público.

Agora, o risco que nós já discutimos várias vezes é que isso pode ser feito entre as autoridades locais em colaboração apenas com o setor privado. E o desenho disso tudo acaba sendo diferente. Para termos o interesse público incluído no projeto de novas soluções tecnológicas é muito importante. Precisamos de organizações de padronização. Também temos que levar em questão a privacidade. Ou seja, temos que pensar nos protocolos e dizer que... na verdade, olha, eu vou virar essa pergunta aí e dizer que isso tudo tem a ver com a padronização dessas políticas.

SR. VAGNER DINIZ: Obrigado, Wolfgang. E Renata, como tornar possível que as necessidades e perspectivas das novas gerações sejam incorporadas na arquitetura da Web?

SRA. RENATA ÁVILA (por intérprete): Olha, isso realmente é muito importante para as instituições públicas. Nós temos que continuar insistindo nisso tudo. Temos um papel muito importante. É importante pensar que a arquitetura da Internet tem alguns problemas que nós não conseguimos solucionar, precisamos de protótipos. Para protótipos em diferentes tecnologias e em diferentes políticas precisamos de ter recursos, precisamos de confiar nessas equipes multidisciplinares. E, depois disso, precisamos pilotar tudo. Para pilotar características digitais precisamos da colaboração de atores muito importantes.

Temos, por exemplo, dez possibilidades diferentes, até mesmo para um browser. E dessas dez talvez uma funcione. Somos tão permissivos e tão tolerantes com o Vale do Silício. As pessoas estão sempre investindo, comprando. Mas essa geração precisa de ter os recursos e a oportunidade de interferir e pilotar coisas pequenas. Além disso, temos que pensar na possibilidade de pilotar realidades diferentes. Praticamente metade da humanidade não está conectada à Internet. Temos que dar oportunidade de pilotar muitas soluções que podem ser utilizadas em muitos lugares, desde o princípio, começando

do zero. Temos que pensar nos pobres globais. Há muito a ser feito ainda. Há muitas necessidades não atendidas e muito a se imaginar. Isso só pode ser implementado com uma coisa, precisamos incluir direitos ao fazer o desenho dessas tecnologias, dessas soluções. Incluindo a democracia desde o início, a transparência desde o início. A inclusão.

A Internet do passado não foi definida com base nos princípios de direitos humanos. Temos que acabar forçando esses regulamentos. E assim não funciona. Os anúncios, por exemplo, esta nova tecnologia precisa ser desenhada desde o zero, incluindo princípios e direitos humanos. Temos que pensar que se o código dos direitos humanos for codificado nos projetos, nós veremos o surgimento de novas tecnologias. Imaginem todas as mensagens dos aplicativos. Se todos esses aplicativos fossem feitos com o princípio de privacidade, como é que as coisas mudariam? E a concentração de poder também mudaria. Esse é um exemplo só para concluir.

Acho que também temos muitos desafios, além das possibilidades. Temos objetivos interconectados, novos atores, novos regulamentos que precisam ser atualizados em relação ao passado e, com isso, nós temos uma nova oportunidade além ou em paralelo ao desenvolvimento de novas tecnologias, precisamos ter soluções tecnológicas que lidem com esses problemas.

SR. VAGNER DINIZ: Ok, obrigado, Renata. Eu quero dizer para vocês, Renata e Wolfgang, que para mim foi um prazer imenso fazer a moderação dessa mesa. Aprendi bastante. E tenho absoluta certeza que nós temos a consciência de que nós temos que trazer esse debate e transformar esse debate também em proposições e disposições(F) práticas nos diferentes fóruns dos quais nós participamos. Da minha parte, eu agradeço imensamente essa possibilidade de participação nessa mesa. Agradeço ao Glaser, agradeço ao NIC e também agradeço ao CGI. Passo a palavra, então, para a Luiza e para o Glaser. Muito obrigado, gente.

SRA. LUIZA MESQUITA: Oi, Vagner. Obrigada. Da nossa parte, a gente faz das suas palavras as nossas. Agradecemos muito o debate. Foi extremamente rico de informação e vai nos dar certamente muitos subsídios para a gente pensar o futuro da governança da Internet, que era o objetivo desse evento, quando a gente construiu o seminário.

Muito obrigada, Wolfgang, Renata e Vagner, pela participação de vocês. Foi muito, muito bom. E obrigada a todos que nos acompanharam.

SR. HARTMUT GLASER (por intérprete): Muito obrigado, Renata, Wolfgang.